



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

O QUE VOCÊ ESPERA DO MÉDICO?

Gonzaga Rodrigues

Membro da Academia Paraibana de Letras

De algum tempo, vimos acompanhando a preocupação ética de médicos de liderança com a relação médico-paciente, cuja situação, pela massificação da procura e mesmo da oferta, pelas precárias condições sociais de dois terços da demanda, pelos efeitos de adensamento das comunicações sociais, e, vindo por cima a exagerada confiança nos avanços propiciatórios da biologia, da própria medicina e da biotecnologia, tudo isto tem forçado o olhar do médico a se fixar mais na radiografia, no instrumental tecnológico, do que no ânimo do doente.

Numa página inserida em livro prestes à publicação, o presidente da Academia Paraibana de Medicina, dr. João Gonçalves de Medeiros Filho, chega a advertir: “Há que se focar o cuidado no doente – e não só na doença – no contexto de suas necessidades biopsicossociais e espirituais.” Não tem sido outro o cuidado etiológico da grande maioria dos médicos aos quais sou mais aproximado e mesmo cliente, drs. Ricardo Rosado Maia, Manuel Jaime Xavier Júnior, Leonardo Gadelha de Oliveira, Jacinto Medeiros, Aécio Pola, que, além de médicos, vêm mantendo o gás das nossas conversas, queixas e cogitações nesse campo. Nas minhas relações culturais os médicos só têm perdido para os meus irmãos de profissão, e olhe e olhe! Vem de longe essa afinidade, desde quando, fechando o jornal tarde da noite e morando longe, preferia me arrimar na conversa dos plantonistas do Samdu, do Pronto Socorro e, tendo a companhia dos colegas que moravam para os lados de Jaguaribe ou da Torre, indo ao amanhecer do dia nos plantões de Evaldo Trajano, Marcos Pedro, Paulo Soares, Rivadávia, Lindemberg, Geninho (Genival Veloso), Ivan Régis,

Mazureik, sem falar em José Juvêncio de Almeida Filho, em Malaquias Batista, Expedito Cavalcanti, Renato Queiroz, médicos, estes últimos, que rumaram para a carreira passando pelo ambiente aceso das redações.

Era um tempo, sem dúvida, em que a conscientização política, via imprensa ou de procedência escolar, não dava lugar à alienação. As estatísticas da miséria social, da mortalidade infantil, da desnutrição, iam encontrar repulsa muito mais no recesso desses plantões, nas mãos que faziam o parto na Cândida Vargas, na apuração da anamnese, cara a cara, do que nas preocupações humanitárias e filosóficas de outras militâncias de clientelas menos vulneráveis.

E aqui entra a palavra-chave: **vulnerável**. Eu sei na carne e na alma o que isso vem significar. Desde as condições de pobreza do meio onde nasci às do meu testemunho num mundo em que a gente do povo continua como **peça** por mais que se proclame a libertação do escravo e a plenitude da democracia. A provação sinistra imposta pela Covid, por mais estratosférico que se registrem os avanços tecnológicos, e por mais que se fale em Direitos Humanos, faltou pouco para nos colocar nos horrores do cólera de 1856. Outros povos materialmente mais ricos se renderam aos mesmos efeitos e sequelas, mas os que saíram às ruas farejando o pão diário da subsistência expõem a grandeza natural do nosso país à censura do mundo. Se sair o bicho pega, se ficar o bicho come. Dois bichos a disputarem o mais sinistro campeonato de vulneráveis não só ao desespero da pandemia como à “normalidade” das doenças de etiologia historicamente conhecidas.

A prensa recai asfixiante, exaustiva, sobretudo nas costas do atendimento da saúde pública, justamente por onde começa a maioria dos profissionais. O carregamento vai se refletir nas feições, no ânimo, no tratamento. Não há muito tempo para apurar cada caso fora do espelho radiográfico ou do laudo laboratorial.

Vem daí a ressurgência do apelo à humanização, a demorar as vistas também no doente. A considerar a pergunta que fez o velho Silva Melo, precursor no Brasil desses cuidados fixados na alimentação, pergunta feita a um menino de creche em fábrica de São Cristóvão: “O que você espera do médico?”. E o menino, de 6 a 7 anos: “Eu espero ficar bom”.

Não mais menino, já passando dos 70, vendo a vida pendurada no pingo ritmado do soro, eu não teria outra resposta mais pronta e verdadeira ao acordar e

deparar-me com a alma no amanhecer, o sol dando o seu recado pela fresta que sobrava, lá em cima, do ar condicionado.

“De repente você é levado para uma enfermaria de luz pastosa onde lhe despem de toda a roupa e de todos os seus domínios. Enchem-lhe de fios, conectores, e todo o seu estar no mundo reduz-se à constância ritmada de acompanhar a cadência transparente daquele imenso pingo.

O que se sente, em verdade, é esse pingo cadenciado instilando silenciosamente tudo o que possa dispor a ciência local para manter-lhe em consciência. Vem, então, o doutor, olha nos seus olhos, toma o seu pulso, fala ao ouvido da plantonista, e adicionam ao gotejamento uma ampola que parece ter vindo de uma lança rodoro metálica da Argentina e de um tempo em que se cantava “Eu vou para Maracangalha, eu vou”. Foi o que senti no ficar bom do menino: o côncavo do tórax dilatando-se para a liberdade da respiração.